

# O SUPLÍCIO DE PAPAI NOEL, DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS: A resistência e complexidade de um mito ancestral

*(The Lévi-Strauss's Father Christmas executed: the resistance and complexity about an ancestral myth)*

Diogo Gonzaga Torres Neto\*



We should reflect on the tender care we take of Father Christmas, the precautions and sacrifices we make to keep his prestige intact for the children. Is it not that, deep within us, there is a small desire to believe in boundless generosity, kindness without ulterior motives, a brief interlude during which all fear, envy, and bitterness are suspended?

*Claude Lévi-Strauss.*

## Resumo

Papai Noel nem sempre foi popular, inclusive foi condenado a fogueira em 1951. Lévi-Strauss primeiramente discute: o aspecto comercial bem como os novos costumes que adviram na França pós-guerra, dentre eles o Papai Noel, como o protagonista. cabe destacar que o signo Papai Noel trata-se de um constructo mítico religioso presente em todas as culturas abrangendo os mitos de renascimento, passagem e messiânicos que foram absorvidos e refeitos com novas releituras, a ponto de celebrar hoje a vida, ao invés de ser uma festa da morte, principalmente após a morte de 6 milhões de pessoas no pós II Guerra Mundial.

**Palavras-chave:** Lévi-Strauss, Papai Noel, Poder

No presente *position paper*<sup>1</sup>, procura-se analisar a aplicabilidade das ideias contidas no livro *O Suplício do Papai Noel*, de autoria de Claude Lévi-Strauss, cuja etnologia foi publicada originalmente em março de 1952 no periódico francês *Les Temps Modernes* sob o título *Le Père Noël Supplicié*. (figura 1B), três meses depois do episódio no qual fora queimado publicamente o “Papai Noel” no átrio da catedral de Dijon, conforme imagens registradas no magazine *Point de vue* publicada em 3 de janeiro de 1952.



Fig.1A. Capa da Revista *Point de vue*. 3 de janeiro de 1952,. “O Papai Noel foi queimado”.

Fonte: *L’Atelier des icônes: Le carnet de recherche d’André Gunthert. Janeiro, 2015.*

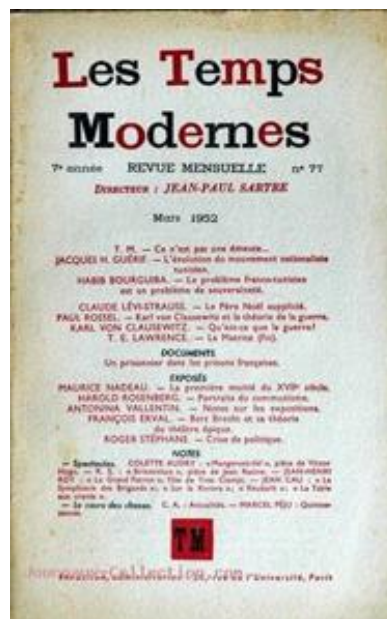


Fig.1B. Capa do Periódico *Les Temps Modernes*, Março de 1952.

Fonte: *Les temps modernes, Paris: Les Éditions Gallimard. Les fêtes de Noël, 1951.*

O livro analisado neste *paper*, tem como contexto histórico um episódio que ocorreu na França por ocasião da véspera do Natal, precisamente no dia 23 de Dezembro de 1951, quando o clero queimou simbolicamente o Papai Noel no átrio da catedral de Dijon na frente de várias crianças do orfanato, sob a sentença de ter paganizado o Natal. O efeito deste “holocausto” não previsto, causou uma certa comoção, uma vez que o Natal envolve ícones cristãos e de outras tradições tanto religiosas quanto folclóricas. Para amenizar o episódio, movimentos contrários ao “suplício do Papai Noel” marcaram a ressurreição do Papai Noel para a noite do natal. O fato dividiu opiniões, e Lévi-Strauss aproveitou a oportunidade criada para fazer uma etnografia diferente, uma

<sup>1</sup> Posicionamento crítico ante uma obra em forma de um pequeno artigo aplicado ou aproximado de outra ciência.

investigação acerca dos signos que envolvem as comemorações natalinas na França.

Nesse sentido, Claude Lévi-Strauss salienta que:

*“The belief that we help to perpetuate in our children that their toys come from ‘out there’ gives us an alibi for our own secret desire to offer them to those ‘out there’ under the pretext of giving them to the children. In this way, Christmas presents remain a true sacrifice to the sweetness of life, which consists first and foremost of not dying” (Lévi -Strauss [1954] 1993: 50, emphasis added).*



Fig.2A. Foto original do momento do início do “holocausto” do Papai Noel no dia 23 Dez.1951. Dijon, França.



Fig.2B. Auge do suplício do Papai Noel. 23 Dez.1951. Dijon, França.

Fonte: *L’Atelier des icônes: Le carnet de recherche d’André Gunthert. Janeiro, 2015.*

O autor exprime que o signo do Papai Noel possui uma origem comum a muitos povos, variando seus nomes, cores e funções sociais, desde o oriente até o ocidente, diga-se de passagem, presente até em etnias separadas pelos oceanos Atlântico e Índico. No entanto, o que estava em questão era qual a melhor manifestação para um mito ancestral comum, que é digno ou não de adoração, que é do povo ou é monopólio de um grupo religioso.

O autor registra de Início, salvo melhor juízo, a existência dos elementos judaico-cristãos, pois o Papai Noel é “queimado” em forma de “holocausto”, no átrio de um “templo” católico (catedral), o que é uma clara referência ao ritual de sacrifícios observados na *Torah*, em que um cordeiro ou qualquer outro animal puro e inocente (segundo a *Torah*) era imolado e queimado no altar de sacrifício que ficava no átrio, do tabernáculo judaico (p.5-7).

Consequentemente, segundo a hermenêutica cristã, o cordeiro judaico apontava para a morte do Messias (Jesus Cristo). Logo, o episódio pode ser interpretado a uma alegoria à *paixão de Cristo*, pois assim como Jesus, a quem o sentido do Natal é atribuído, quando aos 33 anos foi também supliciado e morto na cruz na presença de uma multidão de pessoas sob as acusações de heresia ante a lei judaica, mas que ressuscitou e saiu vitorioso, segundo os evangelhos. O texto também deixa claro que a morte pública do Papai Noel francês sob as ordens dos religiosos (assim como Cristo) não seria por muito tempo, pois sua ressurreição já era esperada na noite do Natal onde desde o pirotécnico suplício simbólico, convocava todas as crianças, como em todos os anos (p.8).

O episódio também foi relido pelos anticlericais como uma oportunidade única, uma vez que o Papai Noel foi adotado como símbolo da irreligião, do comércio, americanização, e “manifestação sintomática de uma acelerada evolução das crenças e dos costumes, primeiro na França, mas certamente também em outros países” (LÉVI-STRAUSS, 2008. p.11). Ora, do ponto de vista histórico, Papai Noel como conhecemos é um sincretismo dentro da dialética hegeliana. É uma síntese dessas duas festas que tinham um personagem central, “um personagem real se tornou um personagem mítico; uma emanação da juventude, simbolizando seu antagonismo em relação aos adultos, fez-se símbolo da idade madura, tradução da disposição benévola em relação à mocidade; o apóstolo das más condutas é incumbido de sancionar as boas condutas” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 36-37).

Cabe salientar que na Idade Média, as crianças recebiam os presentes em casa, mas iam de casa em casa, fantasiadas de alguma entidade, muitas vezes seguindo de cantorias, e recebendo como dádivas, doces e frutas. Suas fantasias ou disfarces as transformavam em entidades sobrenaturais, os *walking deads* do século passado, reforçado nos Estados Unidos a festa do *Halow-Even* em que “crianças mortas” ou seus fantasmas perseguem os vivos, um momento em que o “retorno dos mortos, suas ameaças e perseguições, o estabelecimento de um *modus vivendi* com os vivos na festa do intercâmbio de serviços e presentes, e, por fim, o triunfo da vida, quando no dia de Natal os mortos, cobertos de presentes, deixam os vivos em paz até o próximo outono” (p. 40-41).

Cabe destacar que o suplício ocorreu em um período pós II Guerra Mundial, em que a economia europeia estava em frangalhos e por prestígio aos Estados Unidos, cujo protagonismo e vitória contra as forças do eixo foi uma direta influência ao advento do natal americano e seus ícones, a saber: campanhas do Exército da Salvação com seus caldeirões em praça pública, enormes pinheiros, papéis decorativos, cartões de natal, e é lógico os vários *papais-noéis* recebendo os pedidos das crianças nas lojas. Cabe salientar que eram ícones até então considerados barrocos e pueris, para não se dizer contraditórios e estranhos aos franceses, todavia haviam se instalado com facilidade em virtude de existir secundariamente a propensão para tais adventos simbólicos, catalisados por “difusão por estímulo”, mas atribuir unicamente à influência norte-americana seria uma análise simplória (p.14-16), pois existem outros elementos religiosos que são fragmentos de um mito ancestral.

Os ícones natalinos são vestígios de mitologias nativas americanas, nórdica, escandinava, celtas e saxões e etc.. Os pinheiros de natais, i.e. remontariam aos cultos às árvores dos bretões (e os druidas) e mitos celtas como árvores sobrenaturais de Camelot<sup>2</sup> e que foram também adotadas pelos protestantes saxões. Segundo Itani (2003), era um culto não cristão que celebravam as divindades das luzes em oposição às divindades do frio (morte) representada muitas vezes pelos pinheiros, única árvore que sobrevive no inverno europeu, sendo este levado ao lar, conforme descrê que:

Dentro das casas (e, posteriormente nos prédios públicos), os rituais eram realizados com ramos de folhas, pendurando algumas velas sobre estes ramos como uma comemoração à vida. Os escandinavos também plantavam um pinheiro diante de suas casas para indicar o fim das tarefas agrícolas. Os romenos decoram ainda suas casas com folhas. Esses elementos dos costumes originais da festa do Inverno se mantêm em vários países com o mesmo significado. (ITANI, 2003,p.75).

Trata-se, portanto, de um *constructo* convergente, cujas peças e fragmentos “de uma antiga comemoração, cuja importância nunca foi totalmente esquecida” se espalharam pelo mundo. Destarte, o ícone Papai

---

<sup>2</sup> “árvore sobrenatural coberta de luzes”. Ver *Os romances da Távola Redonda*, (Les romans, de Chrétien de Troyez).

Noel, São Nicolau, Santa Claus, Papai Natal, Père Fouettard, entre outros nomes atribuídos a uma entidade sobrenatural que presenteia os bons e pune os maus, pertencem à família das divindades<sup>3</sup> cuja crença se relaciona com a passagem para a vida adolescente e adulta.

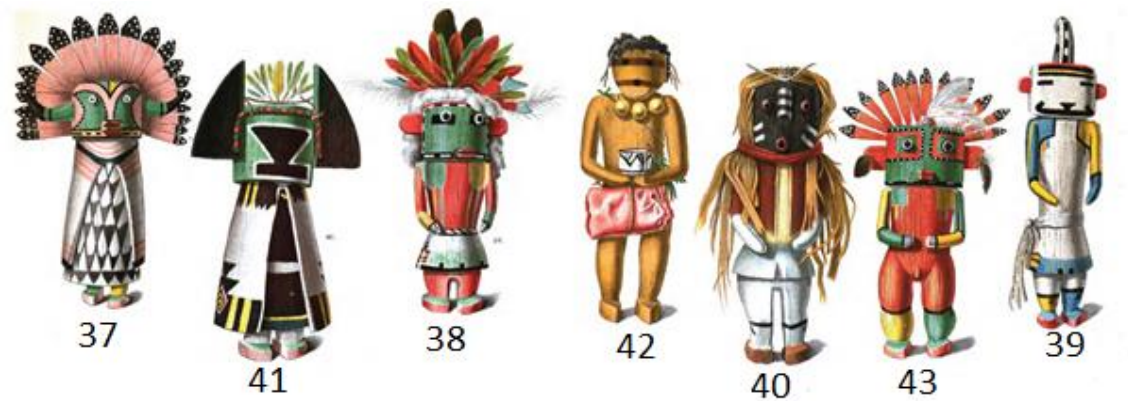


Fig. 3 – Desenhos de 1894 do livro de antropologia dos bonecos kachina (*tihu-tui*) representand os katchina, ou espíritos, construídos pelos povos nativos do Sudoeste EUA. Os bonecos (as) são feitos de madeira e, tradicionalmente presenteados as crianças. As figuras são identificadas por Fewkes (1894, p. 74<sup>4</sup>).

Assim a crença no Papai Noel está relacionada etnologicamente falando em um dos mistérios que envolvem todos (crentes ou não, adultos e crianças) cuja estrutura remonta às narrativas de deuses mitológicos cantados nas crenças e nos mitos ancestrais que pune e recompensam as crianças conforme cultura inserida. Como pode ser observado, é comum a figura de um certo personagem divino/humano cuja epifania requer um bom comportamento ao longo do ano, de preferência respeito aos mais velhos (ou controle dos mais novos).

Observa-se que tal *constructo* está presente até mesmo em culturas que nunca tiveram contato com os povos do velho continente, como por exemplo, o povo *kachina* (*nativos do Oeste norte americano*) cujos fantasmas de crianças que haviam morrido voltavam para buscar outras crianças para junto de si ou voltavam para encontrar a paz/passagem definitiva para o mundo dos mortos através de rituais festivos feitos pelas tribos. De forma análoga, tais rituais, que possuem características de festas, são encontrados ainda nos Estados Unidos

<sup>3</sup> Divindade para categoria etária de nossa sociedade, pois os adultos não crêem nele mas incentivam as crianças a acreditarem e mistificarem o ícone do bom velhinho (p.23).

<sup>4</sup> Fewkes, Jesse Walter. *Dolls of the Tusayan Indians*, E.J. Brill, Leiden, Netherlands, Plate 11,1894] disponível em Google Books (domínio público).

através dos festivais de Halloween, Ação de Graças, Dias de Reis e Christmas (Natal).

Na Europa, de forma análoga aos *katchina* estão os *constructos* das festas saturnais, cujas comemorações são também atribuídas em exaltar as larvas (*larvae*), em outras palavras, festa dos mortos por violência ou os indigentes sem sepultura cujo devorador - Saturno, está relacionado com Papai Noel; Julebok; São Nicolau e as *katchinas* (crianças deuses)<sup>5</sup> através de máscaras e bonecos confeccionados (figura 3) para presentear os mortos e não punir os vivos.

A festa dos mortos, retomado na etnologia do Papai Noel, no natal cristão, nas saturnais e *katchinas*, remetem a celebração da vida acima de tudo e o não esquecimento dos mortos, principalmente pelas crianças falecidas. Cabe destacar que as narrativas dos Evangelhos, falam de crianças que foram mortas por decreto de Herodes (O grande), por ocasião do primeiro Natal, o nascimento de Jesus Cristo. Tais crianças foram consideradas os primeiros mártires da fé cristã. Embora nunca saibamos seus nomes e quantos foram, tais *constructos* de mortes de infantes são também comuns em outras culturas.

Portanto, o Natal cristão, que celebra o nascimento de Jesus (a vida) é vinculado a um infanticídio (a morte) por motivos políticos, ou seja, novamente o paradoxo de vida e morte.

O ícone do Papai Noel como nós o conhecemos foi resignificado por corporações i.e. a *Coca-Cola Corporation nos norte americanos*, mas que adveio de uma cultura anterior a colonização do norte da América, como encontrado nas etnias do oeste norte americano, como os festivais *Katchinas*.

Portanto, com base no exposto, pode-se concluir que o ícone Papai Noel, trata-se de um *constructo* encontrado no consciente coletivo de várias culturas espalhadas pelo mundo, mas que se constrói e se renova também de forma coletiva de tempos em tempos.

Os ícones do Natal são advindos de diversas culturas, serve para lembramos de celebrar a vida e que a morte se aproxima a cada dia. Tais celebrações são encontradas ainda hoje por todo o mundo, não se sabe ao

---

<sup>5</sup> Os *katchinas* eram festejados pelos índios do Oeste norte americano como i.e a etnia *Hopi, Zuni e Tewa* até por volta do século XIX, cujo relatos foram preservados pelos primeiros antropólogos. Os desenhos (figura 1) possuem os seguintes nomes *katchinas*: 37.Si-o-S(h)a-li-ko; 38. Si-o-ka-tci-na; 39. Co-tuk-i-nun-wu; 40. La-puk-ti; 41. Do-mas-ka-tci-na; 42.Tcuc-ku-ti; 43.Si-o-sa-li-ko.,

certo onde foi o início, mas os ritos de passagem da infância para a vida adulta (ou adolescente); da vida para morte; da recompensa e da punição são mais comuns do que se imagina. Observa-se que na pós-modernidade está cada vez pior viver, sendo a morte o caminho de quem não tem mais nada a perder cuja esperança está em dias melhores bem longe deste plano, ou no porvir desconhecido, por isso alguns dos feriados mundiais, como as passagens de ano novo, Natal e dias dos mortos apontam para uma conversão de fatos comuns: as sociedades humanas.

O Papai Noel queimado na catedral de Dijon, representa uma exaltação da relação de poder, antes monopólio da igreja católica que tenta enfrentar de todos os jeitos as forças do secularismo sob a bandeira da modernidade dos anos 50 do século XX, e agora da pós-modernidade das mudanças sociais e culturais com o advento da sociedade em rede.

O Papai Noel supliciado demonstra também que todo aquele que se levanta contra a autoridade da igreja pode ter o mesmo fim do boneco que fora queimado demonstrando ainda a existência de uma mentalidade medieval que remonta aos *auto de fé* dos tribunais de inquisição ainda guardada no seio da igreja, ela se camufla como porta voz de Deus na Terra, se autopropondo a querer dizer o que é santo e o que não é para seus súditos. A igreja quer dominar o cenário ante ascensão e retorno da popularidade papal mediante uma influência no poder secular e temporal que um dia teve antes do advento de Napoleão Bonaparte, cujo poder de império feriu mortalmente o vaticano com a prisão de PIO VI.

Werneck (2008) diz que o ocorrido com o Papai Noel foi apenas um ponto de partido e que a compreensão da

Execução do Papai Noel é compreensível em seu tempo. Estamos na Europa, no começo dos anos 1950, em um contexto de recuperação pós-guerra(s) e de crescimento galopante da influência cultural americana em todo o mundo. Para os cristãos de Dijon (e, talvez, para os 250 infantes que tomaram parte da cerimônia), Santa Klaus representava uma invasão ianque e (retoricamente), anticristã. Para eles, o Natal deve continuar a ser o festejo que comemora o nascimento do Salvador.



Os religiosos que queimaram o símbolo do Natal (Papai Noel) demonstram que são da mesma natureza cultural daqueles religiosos que gritaram na multidão – *Crucifica-o*, onde novamente o paradoxo da vida/morte se fez presente, pois a morte de um homem (Jesus) representa a esperança de vida eterna. Em analogia, Lévi-Strauss salienta que o protótipo do Papai Noel remete às saturnais, que elegia um “*protótipo antigo que, depois de personificar o rei Saturno e se entregar a todos os excessos durante um mês, era solenemente sacrificado no altar de deus, para o benefício de todos*” (p.47).

Em virtude de tal protótipo, chegou-se ao um mito ancestral relacionado à Morte, pois nasce o menino Jesus, Aquele que venceria a morte, e cuja morte trouxe a vida eterna e que é violentado por aqueles que alegam fazer isso em sua memória.

### **Considerações Finais**

O ícone do Papai Noel é um signo dicotômico da morte e da vida, em que crianças, representantes da vitalidade, e Papai Noel, velho e idoso, e é a morte ou uma deidade que recebe oferendas. Muitas crianças ao receber o presente e atribuir a uma entidade sobrenatural, é outra forma de dizer que algo imaterial as vigia e pune no mundo dos vivos ou dos mortos. A diferença desses dois mundos está na cosmovisão das pessoas, pois haverá aqueles que rogam pelos mortos (como se tivesse vida no além) que vigiam e punem as pessoas. Outros que rogam em memória dos mortos, cujo castigo eterno é o esquecimento, daí a eterna necessidade de se comemorar e ofertar presentes as crianças.

Lévi-Strauss nos mostra em seu ensaio que o Papai Noel assumiu uma amplitude desconhecida, mas de origem mercantil, a ponto de favorecer a importação de produtos norte americanos ligados ao natal como resultado, influência e prestígio dos EUA no pós-guerra o que veio a incomodar o clero francês fazendo o maior dos símbolos ser supliciado em um holocausto simbólico.

Lévi-Strauss demonstra em seu texto, que ao pretenderem acabar com o Papai Noel numa fogueira santa, na verdade, deram vazão ao *constructo* já presente no inconsciente coletivo europeu. Das cinzas do Papai Noel

supliciado, acendeu e rememorou terríveis lembranças dos tribunais de inquisição, ressignificação de ritos judaicos, morte e ressurreição de Cristo. Ao queimarem o bom velhinho, queimou-se também a liberdade de ser pagão, cujo símbolo Papai Noel causou comoção, mas assim como a fênix renasce das cinzas de sua fogueira, eis que renasce Papai Noel mais forte do que antes. Ironicamente, graças ao fogo santo da inquisição simbólico feita pelo clero da Dijon, a fogueira moderna não destruiu Papai Noel, o herói foi totalmente reconstituído depois de milênios de silêncio de um inconsciente coletivo mítico, demonstrando que o natal é uma festa da morte, e não a respeito de nascimento, como as religiões querem comemorar.

## Referências

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1952) 1993. “**Father Christmas executed.**” In *Unwrapping Christmas*, edited by Daniel Miller, 38–51. Oxford: Clarendon Press.

\_\_\_\_\_. **O suplício do Papai Noel.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

DOSSE, François. **História do estruturalismo, vol. 1: o campo do signo**, 1945-1966. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1993.

GUNTHERT André. **L’Atelier des icônes: Le carnet de recherche d’André Gunthert.** Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. **Les temps modernes, Les fêtes de Noël.** Paris: Les Éditions Gallimard., 1951.

DOSSE, François. **História do estruturalismo, vol. 1: o campo do signo**, 1945-1966. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1993.

ITANI, Alice. **Festas e Calendários.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

WERNECK, Alexandre . (2008). **Ensaio de Claude Lévi-Strauss analisa o natal como rito de iniciação.** In *Jornal do Brasil* 19.dez.2008. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/12/19/ensaio-de-claude-levi-strauss-analisa-o-natal-como-rito-de-iniciacao/>> ; Acesso em : 15.Mai 2017.

---

### \* O Autor



#### **DIOGO GONZAGA TORRES NETO**

Graduado em Administração (UFAM), Filosofia (UFAM), Estudos em Teologia (IAENE), Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM). Atualmente é docente da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Pesquisador do GEPOS (UFAM),

GIEPGOEA (UNIR), GEPAC (UNIR), LBP (Índia) e autor de livros e artigos internacionais. Doutorando de Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, UFAM.